



PRIMEIRO PLANO

# Janeiro foi o segundo mês com mais mortes de mulheres em 14 anos

Só em julho de 2008 houve mais assassinatos em violência doméstica. Portugal está no 11.º lugar entre 21 países europeus

Roberto Bessa Moreira  
 roberto.moreira@jn.pt

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA** Nove mulheres foram mortas pelos companheiros, maridos ou antigos parceiros, em janeiro. Trata-se de um número dramático e o segundo mais elevado dos últimos 14 anos. Segundo o Observatório de Mulheres Assassinadas, da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), apenas em julho de 2008 houve mais mulheres a morrer nas mesmas condições. Naqueles 31 dias registaram-se 10 feminicídios – mais um do que em março de 2013 e em janeiro passado. E se analisarmos apenas o primeiro mês de cada ano constatamos que nunca houve um janeiro com tantas vítimas mortais em contexto de violência doméstica. Hoje, em Lisboa (15 horas), decorre uma marcha silenciosa de mulheres contra a violência.

Para Daniel Cotrim, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), este dado não é surpresa. “De forma geral, percebemos que nos meses que sucedem a momentos festivos e de férias aumentam os pedidos de apoio. As pessoas estão mais tempo juntas e isso é potenciador de mais conflito e de mais violência”, refere.

Ao JN, o responsável da APAV acrescenta outra justificação: “também estamos a falar de alturas de férias judiciais. Os processos de violência domé-

stica não são suspensos, mas nestes períodos os serviços do Ministério Público estão mais desfalcados e muitas vezes o procurador mais preparado para esta temática não é o que está de turno”. Ou seja, com menos magistrados a trabalhar, a aplicação das “medidas de proteção à vítima e das medidas de coação ao agressor podem atrasar”.

**NÚMEROS ESTÁVEIS DESDE 2013** Com ou sem férias judiciais, mais de 23 mil homens (85%) e mulheres foram identificados pela PSP e GNR, em 2017, como suspeitos de crimes de violência doméstica. Lisboa, Porto, Gaia, Sintra e Loures foram os concelhos mais problemáticos, enquanto Monforte, Góis e Fronteira apresentaram os dados menos trágicos.

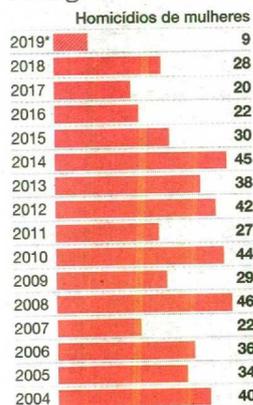
Esta estatística tem-se mantido estável desde 2013 e coloca Portugal a meio de uma tabela que inclui os principais países europeus. Segundo um estudo do Eurostat, é na Escócia, Espanha (ler texto na página seguinte) e Holanda que menos mulheres foram assassinadas por alguém com quem mantinham relação íntima. No outro lado do ranking estão a Lituânia, Malta e Albânia. Portugal encontra-se no 11.º lugar de uma lista com 21 nações.

“Já estivemos na cauda da Europa, mas agora estamos a meio de um percurso. Avançou-se

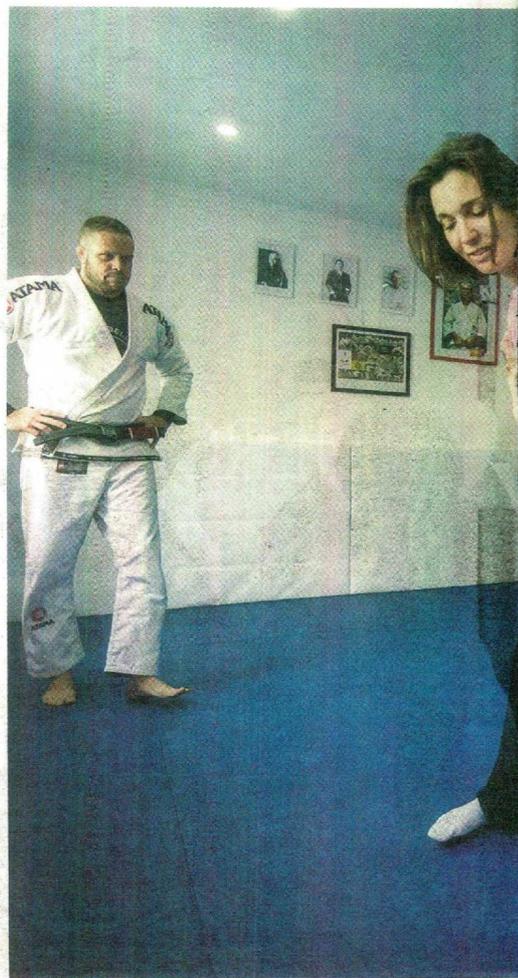
muito em 15 anos e em termos legislativos estamos na vanguarda europeia”, defende Daniel Cotrim. Também Elisabete Brasil, presidente da UMAR, concorda que Portugal tem “boa lei”, mas alega que esta de nada vale se “não for aplicada em consonância”. “Vários relatórios apontam falhas, nomeadamente a falta de comunicação entre entidades. O que acontece é que a vítima anda de entidade em entidade, sem que seja o foco da atenção”, frisa.

Comunicação é o que também pede Daniel Cotrim. “A avaliação e o diagnóstico estão feitos e o que falta é trabalhar e agir em rede”, sustenta. ●

## Portugal



\* de 1 de janeiro a 9 de fevereiro  
 FONTE: UMAR, ELABORAÇÃO PRÓPRIA



## REPORTAGEM

# Libertar e fugir pode ser o suficiente para vencer

Workshop de defesa pessoal para mulheres em Lisboa

Alexandra Inácio  
 alexandra.inacio@jn.pt

**SEGURANÇA** Se um agressor lhe apertar o pescoço contra uma parede, o que deve fazer para se libertar? Simples: com a mão esquerda aperte-lhe o pulso e com a direita aperte-lhe um dedo

e puxe-o para trás. Ele vai largar-lhe o pescoço e recuar.

“O primeiro princípio de defesa pessoal é correr, porque o agressor só consegue atingir a vítima se esta estiver ao alcance do seu braço. E se ela conseguir tempo para se afastar, ganha a bri-



Filipe ensina mulheres a defenderem-se dos agressores. E não cobra nada por isso

ga". Filipe Monsanto começa com esta mensagem o workshop que ontem começou a orientar especificamente para mulheres.

O mestre brasileiro de jiu-jitsu, a viver em Portugal há três anos, sublinha que a violência doméstica não é um crime exclusivo de Portugal e que em todo o Mundo é um crime maioritariamente praticado por alguém próximo, como um pai ou companheiro. No Brasil, também é um flagelo e os casos em tribunal só começaram a aumentar quando a lei Maria da Penha, que impede que uma queixa seja retirada, entrou em vigor em 2006. "Não há arquivamento. É o primeiro passo", insiste.

É o primeiro workshop específico para mulheres que Filipe Monsanto organiza no Clube Desportivo da Graça, em Lisboa. O objetivo é que as participantes façam quatro aulas de jiu-jitsu

para aprenderem os primeiros truques de defesa pessoal. É gratuito.

Numa posição de defesa, a primeira arma é o equilíbrio. Pernas abertas à medida dos ombros. Se um agressor a puxar por um braço, não tente puxar, nunca se libertará. Finque antes os pés em equilíbrio e puxe o braço, dobrando o cotovelo.

Ana Fraga vive em Portugal há seis anos. Quando, no final de novembro, apanhou em flagrante um carterista a tentar assaltá-la, agarrou-se a ele e só o largou quando a Polícia chegou. Apresentou queixa e soube depois que já em liberdade o seu agressor voltou a assaltar e encontra-se agora preso. O antecedente aberto pela sua queixa foi determinante. Ana defende, por isso, que mais do alterações penais "o mais importante é a mulher queixar-se e não desistir". "A mudança de mentalidade tem de come-

çar por esse princípio": o agressor tem de ir a tribunal.

Depois do assalto Ana pensou: "e se ele tivesse uma faca como é que me defendia?" Foi esse medo e a certeza de não se saber defender que a levou a inscrever-se no workshop.

Juliana Lima chegou a Portugal há seis meses para estudar Análise Financeira no ISEG. Inscreveu-se no workshop porque no Brasil como em Portugal quer andar sem medo na rua contra um assalto, uma tentativa de violação ou de um agressor que a vida ponha no seu caminho. "Quero aprender a defender-me de qualquer situação".

Se o agressor lhe puxar o cabelo segure-lhe o pulso com as duas mãos e gire-lhe o braço para baixo. Se o ataque for por trás, finque os pés e as mãos no chão, quando ele tentar levantá-la, puxe-lhe um tornozelo com as duas mãos e faça-o cair. ●

# Em Espanha, a violência é uma questão de Estado

Taxa de feminicídios em Portugal é o dobro da espanhola, onde o clamor social e o combate são permanentes

Maria João Morais  
 Em Madrid

## Homicídios conjugais na Europa



FONTE: EUROSTAT, ELABORAÇÃO PRÓPRIA

ESPAÑA "O machismo criminoso continua a matar mulheres. Não daremos um passo atrás até acabar com este flagelo". Com estas palavras, o presidente do Governo espanhol, Pedro Sánchez, reagiu no Twitter à notícia da mais recente vítima de violência de género em Espanha, ocorrida em Tenerife, no passado dia 4. Não foi a primeira vez. Cada vez que uma mulher é assassinada no país, Sánchez lança uma mensagem de conforto aos familiares e reitera o compromisso com a erradicação da violência de género. A nível municipal, guardam-se minutos de silêncio em memória das vítimas e decretam-se dias de luto.

Os gestos são simbólicos, mas espelham o empenho assumido pelo Estado espanhol na eliminação da violência contra as mulheres. O compromisso foi reforçado a partir de 2004, ano em que foi aprovada a lei contra a violência de género, que distingue a violência exercida sobre as mulheres (por entender que tem por base uma situação de desi-

gualdade) de outros tipos de violência exercida no âmbito doméstico. Na mesma altura, foram criados tribunais específicos para julgar a violência sobre a mulher.

Medidas como estas têm contribuído para situar Espanha entre os países com a mais baixa taxa de feminicídio da Europa, ultrapassada por Portugal, onde o panorama é mais trágico. Com cerca de 500 mulheres assassinadas nos últimos 15 anos, a taxa de feminicídio portuguesa duplica a espanhola, onde no mesmo período se contaram 972 mulheres mortas.

Ainda assim, os números dramáticos fazem com que

em Espanha o clamor social continue ativo, com milhares de mulheres e homens a exigirem mais medidas para combater o flagelo. Para o próximo dia 8 de março está a ser preparada uma nova greve feminista, que espera superar a paralisação do ano passado, secundada por mais de cinco milhões de mulheres.

Apesar da pressão social, o consenso político que existia em Espanha em relação à luta contra a violência contra as mulheres tem estado nos últimos meses sob ameaça, vindo-se questionado pelo partido de extrema-direita Vox, que critica o que chama "ideologia de género". ●

## PSP do Porto tem gabinete a funcionar 24 horas

PORTO A tragédia do Seixal teve como consequência o anúncio, pelo Governo, do aperfeiçoamento dos mecanismos de proteção às vítimas. Pretende-se criar gabinetes de apoio nos Departamentos de Investigação e Ação Penal, melhorando a

articulação entre polícias, magistrados e organizações não governamentais.

No Porto, com sucesso, já funciona, desde março de 2013, o Gabinete de Apoio e Informação à Vítima (GAIV) da PSP do Porto, que atende anualmente cerca de 800 vítimas (na sua maioria mulheres). O GAIV funciona 24 horas, todos os dias da semana, e a coordenação entre diversas entidades (Ministério Público, instituições de apoio e autoridades de saúde) evitou a ocor-

rência de vítimas mortais na cidade do Porto.

Em caso de denúncia é emitido imediatamente um mandado de detenção, o que permite à PSP agir em tempo útil. E o MP informa o GAIV da medida de coação aplicada, permitindo a monitorização do agressor.

Além da análise de risco, o GAIV dá às vítimas um plano de segurança e contacta-as diariamente, "transmitindo uma sensação de segurança", referiu fonte do gabinete. ● REIS PINTO